

**Pela ordem das coisas:  
masculinidades e a moralidade higiênica em Teresina (1870-1930)**

THYEGO CABRAL CARVALHO\*

**Introdução**

Entre a segunda metade do século dezenove e meados do século XX afloram na sociedade brasileira processos de reorganizações das vivências sociais e privadas, dos perfis das diferenças entre os sexos, usos do corpo pelos sujeitos e, bem como, a construção de sensibilidades higiênicas, em especial marcadas por trazer novas perspectivas de se entender o que era aceito moralmente e os conceitos de imoral, sujo, limpo<sup>1</sup> e, ainda, pela vontade em dissolver as referências do mundo tradicional nos valores e experiências da população.

O cenário caracteriza-se por efeitos de um processo ao mesmo tempo civilizador e medicalizador, sobre uma Teresina que se apresenta dum modo *sui generis* não apenas decorrente da forte ligação entre campo e cidade, mas que em face também de outros aspectos ainda por ser mais bem compreendidos e que merecem maior problematização.

Esta pesquisa propõe investigar as relações entre construção de uma sensibilidade higiênica e as interdições operadas a partir destes imperativos sobre práticas e condutas masculinas consideradas desviantes, antinaturais e anti-higiênicas. Eleger moléstias venéreas, o alcoolismo e a tísica<sup>2</sup> como o centro de análise das transformações da moralidade higienista no Piauí ao longo de um recorte temporal, que atravessa os fins do Período Imperial à Primeira República, é uma chance de apreender

---

\* Aluno do Mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí.

<sup>1</sup> Jurandir Freire Costa comenta sobre o mito científico que domina nossa época: “coube à medicina (...) a tarefa de definir o que é ‘bom’ ou ‘mau’ para os indivíduos. Este trabalho, anteriormente exercido pelo poder religioso, é o que orienta os indivíduos na busca do bem-estar. A cultura urbana passou de religiosa à agnóstica. O espaço de representações do ‘bem’ e do ‘mal’ transformou-se. A máquina publicitária promete aos indivíduos uma felicidade epidérmica, tátil, felicidade do corpo sadio, do espírito livre. A felicidade, na cultura agnóstica e hedonista, pode ser obtida na terra. O maniqueísmo religioso subsiste, apenas, como forma marginal de representação do bem e do mal” (COSTA, 1977, p. 17).

<sup>2</sup> Tísica: nome corrente da tuberculose no século XIX.

os diversos projetos e opiniões da época para o progresso social, tendo pronunciado naquela sociedade formas de conjurar as referidas doenças através de procedimentos de ordem modificados ao longo do tempo.

O interesse por esta discussão está relacionado à experiência proporcionada pela elaboração da monografia “*Deus Guarde*: doenças, relações de poder e conflitos culturais na medicina social da província do Piauí (1840-1889)”<sup>3</sup>, na qual abordei a atuação da medicina oficial e das artes de cura populares em questões relacionadas às principais doenças e a diversidade de iniciativas de cura que pude localizar. O *fazer* desta pesquisa de conclusão de curso resultou uma considerável manipulação de fontes ainda por ser trabalhadas e a indicar pontes documentais de ampliação que convidam a inquietações e análises das quais serão trabalhadas nesta oportunidade da pesquisa de mestrado.

Será importante percorrer diferentes fontes na elaboração da presente pesquisa, das quais incluo: jornais, Mensagens Governamentais, Códigos de Posturas, avulsos e manuscritos sobre Saúde Pública, obras literárias, relatos de viagens científicas ao Piauí, obras de memórias, teses e periódicos médicos. O olhar sobre diferentes fontes tem como intuíto poder acessar os principais projetos e práticas disciplinares e moralizadoras que percorriam os discursos da época, ver os variados produtores e instituições dessas normas e poder atravessar uma informação com a outra, perceber as linhas que atingiam as vivências, as proibições e as apropriações desses discursos. Sendo que a pesquisa documental está iniciada, considerando o que foi colhido ao longo da elaboração do trabalho de conclusão de curso anteriormente mencionado. Podem-se visualizar diferentes pontos de vista sobre uma particularidade ao se entrecruzar fontes, resultando futuramente de um produto historiográfico capaz de refletir sobre processos mais gerais e suas conexões (ou divergências) com fragmentos e micropoderes<sup>4</sup>, permitindo percorrer diferentes escalas de observação.

Até que a modernidade salubre no Piauí atingisse o esquadramento dos corpos foram desprendidas proibições, campanhas sanitárias, vigilâncias, violências

---

<sup>3</sup> Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí, apresentado em 14 de julho de 2010, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco.

<sup>4</sup> Roberto Machado diz na sua introdução para a edição brasileira de *Microfísica do Poder* que “os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras” (FOUCAULT, 1979, p. XIV).

simbólicas nas múltiplas relações de poder e espacialidades da vida e sociedade. É desse argumento mais geral de que essa pesquisa tratará: investigar os discursos, processos, tensões e descontinuidades nas reconstruções de fronteiras entre normalidade/moralidade e doença/degeneração entre 1870-1930 em Teresina, relativamente interceptados pelas configurações e perfis de gênero.

### **Moral, medicina e sociedade**

Alguns discursos evidenciam que parcela letrada da sociedade do século XIX foi resignificando as doenças venéreas, o vício da embriaguez e a tísica, em vias de fazê-los avultar enquanto horrores, mas potencialmente domáveis pela ciência. Por muito tempo figuraram como problemas morais e sociais à margem de políticas específicas de saúde pública. Tal indiferença não se explica apenas pelos recursos médicos limitados para o tratamento eficaz, pois o Estado salvo por caridade não visava fazer retroceder males procedentes da pobreza material, herança negra, prostituição, preguiça e imoralidade. Esse discurso de não interdição da elite resultou que, de um lado, retira a relevância de maiores investimentos preventivos<sup>5</sup> e, de outro, via cortinas culturais como o reforço a macheza dos meninos (pelo álcool e sifilização)<sup>6</sup> retira-se em parte destas práticas o status de doença e relaxa a noção de contágio.

A imprensa foi, por exemplo, uma ferramenta importante de esclarecimento da população sobre os “melhoramentos” da farmacêutica e da medicina. O *Almanaque da Pharmacia dos Pobres* de 1908 oferece uma breve fábula de um duelo masculino interrompido pela cura de secreções sórdidas:

#### O CUMULO DA ANTISEPSIA

Em um duello, os adversarios já iam cruzar os floretes quando uma voz grita:  
«Esperem um instante meus senhores!»  
Param: julgam que algum dos padrinhos vai propor alguma conciliação...  
Qual! Era o medico assistente quem enfatuando com as idéas modernas, tira da algibeira uma solução phenicada e molha methodicamente as pontas dos

---

<sup>5</sup> Os cientistas e o poder imperial “escolheram priorizar algumas doenças em detrimento de outras” (CHALHOUB, 1996, p. 09). Fecharam os olhos diante de doenças que não afetavam com veemência e gravidade a população branca, como a cólera e a tuberculose.

<sup>6</sup> Referem-se a este fato Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, diante de relatos do viajante Spix e Pedro Vilarinho Castelo Branco em *História e masculinidades*, sobre a prática do contato com o álcool durante na juventude.

floretes dizendo: «Podem começar agora; os senhores podem se matar, mas estão livres da infecção purulenta!» (PAZ, 1908: 08).

A razão médica é aludida na positividade das idéias modernas que param e transformam o ato principal. O duelo sai do foco honra contra honra e passa para corpo masculino medicalizado contra certamente moléstia venérea. As presenças da figura masculina e da oferta de restauração não surgem à toa, haja vista indícios de elevada sifilização sem controle na sociedade desde o período da Colônia (FREYRE, 2004).

Uma vasta rede discursiva, mais convergente que divergente, quis legitimar modelos de gênero e traçar a implantação dos imperativos propostos levando-os ao dia a dia dos teresinenses, na positividade articulada a novas instituições modernas e argumentada em referência a princípios como melhoramentos da civilização. No Piauí repercute diferentes formas de interdição sobre a família, o trabalho, o álcool, os usos do corpo feminino e masculino, e sobre outros aspectos da vida, no sentido mais geral de produção da ordem, como se pode analisar na descrição de dr. Cândido Silva, chefe do Serviço de Profilaxia da Lepra, sobre a situação da referida doença no Piauí nos anos de 1930:

Sempre houve grande interêsse quanto aos comunicantes e muito especialmente as crianças, entre as quais há número bem crescido que necessita urgentemente de internamento em Proventório, visto levar vida de completa promiscuidade com doentes contagiantes, dormindo no mesmo quarto, sujeitando-se, portanto, a contactos íntimos e prolongados. A situação aqui não foge à regra habitual, quanto ao conjunto: tratando-se, na grande maioria, de famílias pobres ou indigentes, o simples contacto é poderosamente auxiliado pela falta de asseio e confôrto, pela alimentação deficiente, pelas doenças depauperantes e pela péssima educação reinante. Por êste motivo, sempre houve preocupação de fazer alguma propaganda dos princípios gerais de defesa individual contra a doença (SILVA, 1941: 62).

Havia intenções de retirar de seus lares as crianças sob o risco da promiscuidade, com a criação de instalações próprias para o isolamento dos filhos dos leprosos, preocupação disseminada em muitos países durante a primeira metade do século XX no combate à doença. Tendo a Colônia de Carpina da cidade de Parnaíba no centro do sistema asilar contra a lepra no Piauí. A instituição era mantida pela assistência particular e eventual apoio do Estado, um serviço na mistura de caridade aos pobres, baixa tecnologia clínica e manutenção da ordem e estigmas sociais.

Embora não queiramos neste artigo discutir a evidente diversidade de opiniões sobre o contágio da tuberculose levantamos a explicação do médico piauiense Octavio de Freitas:

Para que a tuberculização humana dê-se, é preciso que o germen encontre um terreno propicio pelo enfraquecimento organico resultante ou de uma herança (debilidade congenita), ou de uma molestia accidental (sarampo, coqueluche, bronchite, broncho-pneumonias, etc), ou por insuficiencia qualitativa e quantitativa de alimentação e aeração, ou por excesso de trabalho physico, moral e intellectual, ou finalmente quando o individuo se expõe a invasão de germens muito virulentos e em excessiva quantidade (cohabitação com um tuberculoso em adiantado estado; ingestão repetida de leite d'uma vacca atacada por tuberculose mammaria, etc.). Antigamente era theoría corrente ser a herança o meio mais frequente de transmissão da molestia: mas modernamente, pelo contrario, admite-se que a tuberculose nunca é hereditária:—dos progenitores aos descendentes apenas se transmite a predisposição á moléstia (FREITAS, 1902: 14).

Ele indica um movimento mais geral de mudança nas concepções de como alguém se torna tuberculoso, deixando em suspeição o caráter hereditário, mas sem afastá-lo por inteiro. Excessos do uso do corpo seguem forte no seio dos argumentos de Freitas, estes demorarão décadas para saírem do foco etiológico. Mais ainda, é um mal cotidiano: a tuberculose está no ar, na carne, no leite, no cônjuge doente, pode ser favorecida pelos pais. Cientistas como Koch e Pasteur só vieram deixar as coisas mais complexas. Para observar historicamente a tuberculose contamos com a ajuda de Ângela Pôrto, que enfatiza dois aspectos aqui importantes: primeiramente, a permanência de impressões sociais estigmatizantes e míticas (os maus costumes e “excessos”) e, segundo, a cultura curativa despreendida sobre a tuberculose, muitas vezes alimentada por práticas precárias, mas informadas por tradições como a climatologia grega, saber que baseia remeter os tísicos (e leprosos também) às Estações de Cura em cidades litorâneas e serranas por serem mais ventiladas (PÔRTO, 1997).

A partir dos anos de 1920 as políticas públicas de saúde redimensionam o enfrentamento dessas questões, em que são criados no período correspondente ao pós-guerra o Serviço de Profilaxia de Doenças Venéreas e Lepra, iniciativa estatal com dispensário próprio na capital Teresina e nas dependências da Santa Casa de Misericórdia da cidade de Parnaíba. O serviço é caracterizador de novas perspectivas nas relações de dominação, marcadas pela promoção da saúde da mão-de-obra e das classes subalternas. Usar o conceito foucaultiano de biopoder permite entender uma

instância nova de regulação das coletividades que a emergente ordem capitalista trouxe sobre o Piauí. Na hipótese de Foucault teria sido elemento crucial em tornar o capitalismo ajustado às populações e estas a ele por tecnologias de “inserção controlada dos corpos no aparelho produtivo” (FOUCAULT, 2007b: 153).

E nas campanhas profiláticas de massa estiveram presentes esforços nacionalistas:

A syphilis continua a ser um dos flagellos que mais impiedosamente se fazem sentir sobre os brasileiros, arrastando o seu sequito de miserias, estereotypando nos degenerados, cretinos, idiotas, tarados, epilepticos, aleijados, inuteis e invalidos, que na balança das forças vivas da nação representam o peso morto que entrava o aperfeiçoamento da raça, correndo dest' arte para o abastardamento da mesma (RELATORIO, 1927: 8).

A eugenia é uma utopia social a ocupar-se com o estudo e cultivo de condições para a melhora das qualidades físicas e morais de gerações futuras, muito presente desde literatos a homens de ciência, passando por pensadores sociais, lado a lado a noção de pátria (COSTA, 1976). O mesmo relatório de 1927 deixa claro o interesse em formar uma equipe para a prevenção anti-sifilítica de gestantes e demais cuidados de pré-natal. A eugenia repercutiu em maior ou menor intensidade na ciência de modo geral, tornando-se repertório evocado com recorrência na explicação da degradação moral e social brasileira, remetida ao universo da inescapável miscigenação do nosso passado. Só com grandes avanços clínico-laboratoriais que se caracterizaram os devidos lugares da hereditariedade e da postura contagionista.



Fotografia da entrada do dispensário parnaibano, extraída do anexo nº 21 do Relatório de Saneamento e Prophylaxia Rural, 1924.

A figura masculina está no centro dos principais problemas da saúde da época trazidos a essa investigação. Os fatores dizem respeito aos valores hegemônicos das vivências da sexualidade que precisavam deixar a insalubridade infecta para trás, primeiramente, com a entrada de um discurso sobre o homem tendo-o como um dentre os agentes da corrupção, e, segundo ponto, a especificidade dos maus usos masculinos do espaço social, especialmente à noite aberta aos vícios.

Dissemina-se na sociedade imagem do sífilítico como sujo, imagem ainda nova em relação ao imaginário social do leproso muito mais antigo, por exemplo. E um discurso criminalista e psiquiátrico atravessa o álcool, que compõe papel no ritual do aprendizado da masculinidade. No Piauí, em especial, a imprensa católica do jornal *O Apóstolo* dedicou-lhe atenções, logo tão grave eram seus efeitos na corrupção figura legítima do homem pai e trabalhador. A aguardente abriria as portas para a degeneração familiar e biológica, dela viria a pobreza, o jogo, o meretrício, o crime, a sífilis, a loucura e a tuberculose. Fechar as portas deste circuito era o sonho para a evolução das vivências dos sujeitos. Diante da tuberculose os sujeitos afetados teriam de enfrentar sua condição de modo perplexo e resignado até meados da década de 1930, quando se desenvolvia o recurso dos antibióticos e a disciplina médica específica da infectologia.

### **Saberes, discursos e instituições**

Retrocedendo temporalmente, a partir de 1840 consolida-se, sob o apoio da Corte Imperial, a produção médica acadêmica brasileira, tendo entre as principais instituições a Academia Imperial de Medicina e as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, criadas na década que segue à Proclamação da Independência (ENGEL, 1989: 40). Nesse período é quando começam a surgir textos médicos que se envolvem com as tensões mais graves da saúde local, operando ajustes sobre os conhecimentos científicos vindos, sobretudo, da França (ENGEL, 1989: 55). Os desafios trazidos a estes médicos inicialmente evocam a salubridade e epidemias do espaço urbano tropical, do Rio de Janeiro mais particularmente, no entanto não tardaram que voltassem inclusive seus olhares para temáticas morais fortemente sedimentadas em explicação católica, revelando a entrada de reflexões higienistas em espaços anteriormente incomuns (ENGEL, 1989: 59; FOUCAULT, 2007b: 12-13).

Em Teresina a presença destas abordagens se faz em relatórios médicos e tangencialmente na imprensa desde as últimas décadas do Império, ainda que, mais em forma de clamores do que em ações de uma polícia de vigilância médica. Nestas falas e observações estão sinalizadas interferências de novos parâmetros culturais, que permitem, dentro de um conjunto de outros aspectos, um questionamento do papel da Igreja Católica e do monopólio dela na interpretação das dimensões e acontecimentos da vida. Ocorre que também o catolicismo se reconfigura e se reestrutura desde os fins dos oitocentos: dissolve o poder das religiosidades leigas das irmandades e se repotencializa, constrói novas armas de gestão espiritual do seu rebanho, fazendo de si mais uma voz a persuadir para o moderno, discursando pela excelência o aperfeiçoamento da família e da mocidade (CASTELO BRANCO, 2008).

Outros segmentos da sociedade endossarão a percepção de que o Piauí deveria se civilizar, tendo a noção de salubridade dentro do conjunto de imperativos que compõe este valor. Um movimento de tornar exterior à normalidade uma rede de atitudes cotidianas às mais diferentes vivências e criar nojos, rupturas e hesitações sobre elas, tal agitação avançará em múltiplos esforços. Livres pensadores, pedagogos, políticos, juristas, literatos, engenheiros e outros homens inserem-se neste cenário. O sentido da construção da escritura é estabelecido menos para reproduzir e incorporar o imaginário da modernidade europeizada do que como “aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2007a: 10), haja vista que o poder da cultura escrita se esboça cada vez mais claramente na sociedade.

A baixa escolarização da população oferece problemas para os esforços das campanhas antivenéreas no Piauí, argumenta dr. Olavo de Pires Rebello: “a maior parte do nosso povo, refiro-me áquelles que se tratam no Dispensario, são em maior numero analphabetos, portanto incapazes de receber as noções mais elementares e indispensáveis de hygiene” (RELATORIO, 1926: 17). Quase nada mudou em comparação aos piauienses sem razoável instrução que rejeitavam a vacina antivariólica, como mencionou Dr. Raimundo de Arêa Leão<sup>7</sup>, Médico do Partido Publico, em 4 de setembro de 1875 (OFÍCIO, 1875). Michel de Certeau apresenta uma forma de entender a historicidade lingüística do corpo, através do conceito de prática escriturística. A materialidade corporal recebe como livros em branco a inscrição da lei

---

<sup>7</sup> Alto Longá, 1846-Rio de Janeiro, 1904. Médico e político piauiense.

dos saberes e instituições da modernidade como a medicina, em virtude de uma economia moderna da onipotência da cultura escrita, ou ainda na época de avanço da mesma, no caso do Piauí do início do século XX. Fazem-se cada pele individual carregar socialmente os textos da lei, ainda que sejam os iletrados doentes dos dispensários, sendo esta transposição do livro à pele é um ganho de força e/ou a vitória dos códigos (CERTEAU, 2007, p. 230-233).

A maior parte da população piauiense desde a Colônia estava ligada ao universo da ruralidade na organização de suas atividades econômicas, da estrutura social e experiências cotidianas. A autoridade do latifundiário era uma barreira que colocava reticências na capacidade de interferência da medicina oficial sobre os sertanejos. E os serviços de saúde pública que se tornavam mais complexas desde o Império entraram no século XX com uma dívida em relação a estas regiões menos urbanizadas e mais insalubres, a atuação mais direta e de melhores serviços médicos sempre estiveram na capital do Piauí ou em Parnaíba durante o recorte do estudo. Um esforço nacionalizador de atuação conquistou a medicina brasileira entre 1915 e 1930, momento particular de politização e ampliação da institucionalização desses setores. Assim cultivam-se aos poucos laços entre os serviços de saúde da capital Teresina e as principais cidades piauienses, com estímulo Federal, como na criação de Postos médicos.

É necessário e possível que analisemos quais procedimentos foram mais ou menos efetivos em prover de repercussão as normas, tendo em vista a importância da criação e manutenção de equipamentos urbanos para a salubridade e instituições de higiene, enquanto espaços de práticas, consumos e produção de discursos. Michel Foucault supõe “que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seu acontecimento aleatório” (FOUCAULT, 2007a: 09), capitalizando poderes a um ideário regenerador planejado para a sociedade e a cidade. Uma das dimensões que nutriram de validade à empresa da moral higiênica no Piauí reside no aperfeiçoamento das instituições de Saúde Pública, sobretudo na Primeira República, como já salientamos.

“Foi na cidade que as evidências da degeneração tomaram forma – o crescimento acelerado e caótico, a moradia popular insalubre, a tríade formada por alcoolismo, sífilis e tuberculose” (ARMUS, 1995: 236), enfatiza Diego Armus sobre

Buenos Aires da virada do século XX que indica compartilhar de um elenco de afetamentos análogo a capitais como Teresina. A corrente iniciativa trará à historiografia local uma compreensão sobre como se configurava a exclusão a certos grupos e, lendo a contrapelo os discursos da exclusão, também traremos indícios de práticas e experiências cotidianas dos ditos degenerados de Teresina.

Um imperativo que atravessa largamente a empresa saneadora e reformadora é o esforço em iluminar as corporeidades masculinas dentro da intencionalidade científica e da defesa da evolução da eugenia humana. Projeto “concebido não apenas no sentido físico, mas, também, no sentido moral e social” (ENGEL, 1989: 69), como sistema de percepções que não é neutro, fator que traz para a necessidade de encarar as representações como frutos de jogos e disputas de poder (CHARTIER, 1991) e expectativas nem sempre silenciadas, como Dr. Oscar Clark em *A importância da syphilis e seu tratamento* de 1920 fez em ao recolher opiniões de Dr. Jonathan Hutchinson:

Se fosse possível obrigar todos os syphiliticos a usar de chapeo especial em dia determinado, a opinião sobre os terrores da syphilis seria profundamente modificada, pois homens julgados pelos amigos como modelos de saúde, maridos de mulheres sadias, paes de creanças robustas constituem maioria esmagadora (overwelming majority) dos syphiliticos (CLARK, 1920: 7-8)

O homem sífilítico pode dissimular seu estado real, fazer-se de são e contaminar a própria família. Toma-se certo exagero em deixar a todos em suspeita. O que sobressai de mais importante é a proposta de socorro a certo “chapeo”, no *Ancien Régime* da camisinha atual, ferramenta profilática a ser usada sem a quebra do ritmo da vida sexual de cada um, que nem por isso deixa de ser uma sexualidade livre, porém sob a voz da lei da ciência. Esse contexto do uso dos prazeres indica episódios de separação entre o que é ser plenamente *humano*: a igualdade entre vivência da sexualidade e liberdade e razão e vontade (LUZ, 1988: IX). A forma como Michel Foucault lida com a temática em *História da sexualidade I: a vontade de saber* nos ajuda às particularidades da discussão. Os diferentes cuidados de si na configuração histórica da Belle-Époque se prestam à busca por “determinar, em funcionamento e suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana” (FOUCAULT, 2007b: 17), notando a interferência dos saberes atenta cada vez mais à subjetividade e à intimidade, às “mais individuais das condutas” (FOUCAULT, 2007b:

18). Esta é a obsessão discursiva desprendida difusamente, tanto que se empregam as armas mais eficazes de que se possa: entendidas aqui como “tecnologias” disseminadas que visam conquistar os desejos, as expectativas, e as repulsas de cada um, objetivando orientar as mais íntimas e ordinárias atitudes cotidianamente.

## **Conclusão**

A tarefa de indicar um repertório da anormalidade como a sujeira e fedor dos pobres, o sexo extraconjugal, os prejuízos do abuso do álcool foi uma das fortes inquietações da Igreja, médicos, higienistas e psiquiatras; tal grupo de rejeições é forjado historicamente, sendo importante reconstituí-lo. E onde situava a *degeneração* para os protagonistas da implantação regeneradora? Queremos acessar o forte movimento de reforma da sociedade que reunia diferentes sujeitos produtores de discurso e compreender a cadeia etiológica da imoralidade, na busca de como a categoria social de masculino era dada a ler *per si* e em relação ao feminino (SCOTT, 1994); e como esse homem historicamente se tornou problemático e alvo de dispositivos. Não há atualmente na historiografia piauiense uma pesquisa acurada com a presente discussão, a oportunidade que se apresenta é a de contribuir na elucidação de significativa parcela deste debate.

Queremos explorar este empreendimento moralizador e desqualificador feito para a conformação e a domesticação dos indivíduos, almejando reconfigurações nos poderes e instituições de referências que resultassem na normatização dos comportamentos e da vida. Em tal empresa havia uma narrativa de múltiplas positivities retóricas ressaltadas nestes desejos, mas que servia de ferramenta para dissolver à ligeira vista as vontades de saber (ou a vontade de dominação) dos reformadores, como Michel Foucault nos ajuda a perceber. É uma frente de análise de discurso a delinear as intencionalidades e as políticas das falas.

Esta pesquisa percorrerá as singularidades do deslizamento histórico de esquadramento do corpo masculino pelo saber médico-científico na sociedade piauiense, cujos acontecimentos, dispositivos e tensões estão por receber análises, conexões e reflexões. Vejamos: se o século XIX no Ocidente foi um período que disseminou a feminilidade baseada no modelo esposa-dona-de-casa-mãe-de-família

(RAGO, 1987: 62), o século seguinte inventou a colonização do corpo masculino. A operação coloca não só as referências higiênicas contra as concepções hegemônicas sobre masculinidade, mas traz a redefinição do poder do homem e de significados de sua potência.

Um saneamento moral atuante direta ou indiretamente na interdição sobre representações e práticas masculinas às vezes são discursos refratários de medicalização da maternidade, que atingem ao homem com o interesse primeiro de manutenção e sagração da família. A importância também conferida à criança contribuiu para que surgissem os consentimentos<sup>8</sup> e sujeições aos papéis esperados aos dois sexos dentro dos novos referenciais e que, apesar disso, supomos que houvesse resistências e singularizações; hipótese a ser mais bem traçada pela historiografia local, mas que já está contemplada nesta proposta, investigando através das condutas desviantes à época.

As masculinidades sob novos valores trazem, de um lado, um elogio ao trabalho e ao estudo e, do outro, a esquiva (inicialmente dissimulada?) à agressividade, prostituição e bebidas. Sem que a higiene dos seus corpos seja abalada, as práticas de aprendizado e ostentação da macheza terão de ser reelaboradas na Teresina que almeja esvaziar seus traços, sociabilidades e corporeidades rurais. Um dos grandes aspectos que faz dessa pesquisa original é a chance de abrir para a compreensão dos modelos e controles forjados sobre o corpo masculino a partir do estudo dos desvios e da doença.

## Fontes

*Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.*

CLARK, Oscar. *A importância da syphilis e seu tratamento*. 25ª aula do curso oficial de clínica médica aos alunos da 6ª série. Rio de Janeiro: Publicação do Brazil medico, 1920, 27 p.

FREITAS, Octavio de. *A obra anti-tuberculosa em Pernambuco*. Recife: s/ed, 81 p.

OFICIO de Dr. Raimundo de Arêa Leão, Medico do Partido Publico, ao presidente da província Delfino Augusto Cavalcanti de Albuquerque, Teresina, 4 de setembro de 1875. Caixa 506, Fundo Palácio do Governo/Secretaria de Saúde, diversos, 1840-1889.

---

<sup>8</sup> Roger Chartier sinaliza que o consentimento “seja o ponto central no funcionamento de um sistema de poder, seja ele social e/ou sexual” (CHARTIER, 1995, p. 42).

PAZ, Thersandro. Almanaque da Pharmacia dos Pobres. Teresina: Typographia e encadernação da Pharmacia dos Pobres, 1908, 52 p.

RELATORIOS dos trabalhos executados pelo Serviço de Saneamento Rural no Piauí, em 1924-1926-1928, e apresentando ao Exm.º Sr. Dr. Lafayette de Freitas, Diretor do Saneamento Rural, pelo respectivo Chefe, Dr. Olavo Pires Rebello.

SILVA, Cândido. Lepra no Piauí. REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PIAUIENSE DE MEDICINA, dez. 1941, nº especial, Teresina-PI, 83 p.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Mulher de casa pra gente é da rua pro outro”: masculinidades e práticas sexuais em cidades do nordeste. 33 p. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/mulher\\_de\\_casa\\_pra\\_gente\\_e\\_da\\_rua\\_pro\\_outro.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/mulher_de_casa_pra_gente_e_da_rua_pro_outro.pdf)>. Acesso em: 20/09/2010.

ARMUS, Diego. O discurso da regeneração: espaço urbano, utopias e tuberculose em Buenos Aires, 1870-1930. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p. 235-250.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008, 168 p.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, 351 p.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagu* (4) 1995: pp. 37-47.

CHARTIER, Roger. “Por uma sociologia histórica das práticas culturais”. In: *História Cultural entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: Difel, 1992, p. 13-28, 229 p.

COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Documentário, 1976, 135 p.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989, 151 p.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 15ª ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2007, 79 p.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007, 176 p.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977, 241 p.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49ª ed. São Paulo: Global, 2004, 719 p.

LUZ, Madel Theresinha. *Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, 151 p.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, 112 p.

PÔRTO, Ângela. “*A vida inteira que podia ter sido e que não foi*”: trajetória de um poeta tísico. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro, 1997, 228 p.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, (3) 1994: pp. 11-27.